O PENSAMENTO GEOGRÁFICO EM SALA DE AULA: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O NOVO ENSINO MÉDIO.

Sérgio Cordeiro Righi 1
Paula Cristiane Saldan 2
Sérgio Fajardo 3

1.Unicentro, PR – E-mail:21311254014@unicentro.edu.br ORCID: https://orcid.org/0009-0003-3450-6181
2.Unicentro, PR – E-mail: 21311264003@unicentro.edu.br ORCID: https://orcid.org/0009-0002-7075-0096
3.Unicentro, PR – E-mail: sfajardo@unicentro.edu.br ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9232-9521

RESUMO EXPANDIDO

O presente artigo tem por objetivo contribuir com a introdução do Pensamento Geográfico a partir das aulas desenvolvidas na disciplina de Geografia em turmas do Novo Ensino Médio da Escola de Educação Básica Professor Olavo Cecco Rigon-Concórdia-SC. Também propõe uma análise das dinâmicas socioespaciais contemporâneas, fundamentada nas competências da BNCC para o Ensino Médio. O objetivo é utilizar criticamente diferentes linguagens para compreender processos históricos e geográficos.

O ensino de Geografia sob a orientação da BNCC demanda uma abordagem que transcenda a mera descrição, focando na análise crítica de fluxos, redes e territórios. A consolidação da Geografia como disciplina científica e autônoma está intrinsecamente ligada ao amadurecimento das demais ciências humanas e sociais no decorrer do século XIX.

Conforme discute Andrade (2008), o marco dessa transição epistemológica fundamenta-se nas produções teóricas dos alemães Alexander von Humboldt e Karl Ritter. No entanto, é crucial diferenciar a institucionalização da Geografia enquanto ciência moderna da existência histórica do próprio saber geográfico. A práxis de ler, mapear e intervir no espaço territorial é uma constante que acompanha o desenvolvimento das civilizações desde a pré-história, intensificando-se à medida que as forças produtivas da sociedade expandiram sua capacidade de transformação e exploração da natureza (Andrade, 2008).

De acordo com Claval (2007), a evolução da Geografia reflete os debates intelectuais do Ocidente.Desde os primórdios da humanidade, o homem tem buscado a resposta para algumas perguntas e para encontrar respostas sobre o conhecimento geográfico e os temas

relacionados a sua influência para com os seres humanos e o espaço natural. Para buscar algumas respostas para compreender o conhecimento geográfico e as dúvidas sobre o meio natural, os seres humanos e essa interação, a sociedade sempre procurou compreender as diferentes correntes de ensino geografico.

Desse modo, a Geografia proposta por Humboldt envolve uma reflexão sobre o homem e uma reflexão sobre a natureza, sob um mesmo patamar de inteligibilidade. Por este programa, Humboldt legou à posteridade as bases de uma nova ciência, rica em tradições e, ao mesmo tempo, moderna e sistemática. (Gomes, 1996, p. 162)

A Geografia no século XIX vai desenvolver--se a par das outras ciências. Inicialmente, com dois cientistas alemães - Alexander von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859), que deram à Geografia descritiva um caráter sistemático e uma metodologia própria, o que permitiu que a Geografia passasse a ser considerada uma das ciências modernas. Humboldt e Ritter são, por isso, considerados os seus fundadores, apesar de os trabalhos de ambos serem muito diferentes. (Ferreira & Simões, 1986, p.60)

Reconhecendo a importância e a grande complexidade que envolve o ensino dessa disciplina em sala de aula,foi realizada uma pesquisa sobre o histórico das correntes de pensamento na ciência geográfica, com o objetivo de permitir uma maior reflexão dos alunos em relação ao conhecimento geógrafico.

Considerando as particularidades do tema abordado,optamos por conduziro estudo com base na metodologia qualitativa, seguindo o modelo de pesquisa documental. Essa pesquisa tem como propósito principal descrever as principais características de cada corrente do pensamento geográfico

Alexander von Homboldt(1769-1859) contribuiu largamente para essa orientação. Ele nasceu em uma família da nobreza prussiana: a sua mãe descendia de huguenotes instalados em Berlim no reinado de Luís XIV. De forma semelhante a seu irmão Wilhelm, recebeu uma educação clássica que o familiarizou com o latim, o grego e o francês.(CLAVAL, 2014 p.62)

A formação acadêmica e o contexto familiar são elementos fundamentais para compreender o impacto intelectual de grandes pensadores na história da ciência. Alexander von Humboldt consolidou-se como um dos maiores nomes da Geografia moderna e das ciências naturais devido à profundidade de seus estudos e viagens de exploração. Essa trajetória de excelência foi impulsionada por uma sólida base cultural e socioeconômica estruturada ainda em sua juventude.

Na Unidade I da obra "Do seu jeito: Geografia" (2024), José Eustáquio de Sene aborda a introdução à ciência geográfica conectando a fundamentação teórica à realidade cotidiana do estudante. A proposta foca na transição de uma memorização mecânica para uma aprendizagem significativa. Em um primeiro momento da aula, optamos por abordar a consolidação da Geografia como ciência moderna, que dependeu diretamente da construção de novos arranjos metodológicos que

fossem capazes de superar a fragmentação do conhecimento herdada do racionalismo clássico.

A busca por uma abordagem integrada que unisse dinâmicas físicas e sociais encontrou em Alexander von Humboldt um de seus maiores expoentes, cuja contribuição teórica redefine o papel da observação empírica e da intuição, conforme analisa Gomes (2005).

A Geografia proposta por Humboldt engloba, uma reflexão sobre a natureza.Humboldt legou à posteridade as bases da nova ciência, rica em tradições e, ao mesmo tempo, moderna e sistemática. (p. 52) Embora possuíssem origens e trajetórias distintas dentro da elite prussiana, Humboldt e Ritter convergiram na formulação dos pilares da Geografia Moderna, sendo que o primeiro destacou-se por suas minuciosas viagens globais e pela busca em conectar as dinâmicas da sociedade humana aos fatores da natureza (Andrade, 2008).

Já Friedrich Ratzel (1844-1904) foi um pensador alemão, considerado como um dos principais teóricos clássicos da Geografia e o precursor da Geopolítica e do Determinismo Geográfico. Vale lembrar que a expressão “determinismo” não era empregada pelo próprio Ratzel, tratando-se de uma atribuição conceitual que foi dada a partir das leituras sobre o seu pensamento. Sua principal obra publicada foi a *Antropogeografia.*

Friedrich Ratzel, influenciado pelo darwinismo e pelo contexto de unificação alemã, formulou uma concepção geográfica que ligava a evolução humana à adaptação ao meio, alinhando-se aos anseios expansionistas do Império. Ao encarar o homem sob uma perspectiva antropológica e biológica, Ratzel influenciou a ideia de superioridade europeia sobre povos considerados estagnados, pavimentando o caminho para o determinismo geográfico na Geografia anglo-americana, em que o ser humano passou a ser visto predominantemente como um produto do meio. (Andrade, 2008, p. 84).

Tendo sido a Alemanha o país em que primeiro a Geografia institucionalizou-se e onde viveram e ensinaram os três grandes geógrafos, considerados tradicionalmente como pais da Geografia Moderna - Humboldt, Ritter e Ratzel é natural que aí se desenvolvessem, em profundidade, os estudos geográficos, que aí surgissem os grandes geógrafos do período clássico e que as idéias germânicas se expandissem por outros países, sobretudo nos Estados Unidos. (Andrade, 2008, p. 105).

A partir dessa concepção, elaborou-se o conceito de espaço vital, que seria as condições espaciais e naturais para a manutenção ou consolidação do poder do Estado sobre o seu território. Seriam as condições naturais disponíveis para o fortalecimento de uma dada sociedade ou povo. Aquelas populações que dispusessem de melhor espaço vital estariam mais aptas a desenvolverem -se e a conquistar outros territórios.

Considera-se Vidal de la Blache (1845-1918), fundador da escola regional francesa,um historiador que se interessava pelas questões de Geografia, fez um doutoramento nessa disciplina e conseguiu para ela a independência acadêmica (universitária) em relação à História (até então, a Geografia era considerada uma disciplina auxiliar da História). Foi encarregado, pelo Governo

Francês, de elaborar uma divisão regional da França mais de acordo com a realidade econômica, política e social de então, pois a divisão administrativa que existia datava de 1790 e a revolução dos transportes tinha-a tornado inadequada. (Ferreira & Simões, 1986, p 73)

Foi também um dos geógrafo franceses mais lembrados no que se refere à história do pensamento geográfico. A sua obra é bastante reconhecida por ser fundadora da corrente de pensamento que veio a ser denominada por Possibilismo, em oposição ao Determinismo Geográfico alemão. Vidal também foi considerado o fundador da escola regional francesa.

Segundo Andrade (2008), a institucionalização da Geografia universitária na França por Vidal de la Blache esteve diretamente vinculada ao sentimento de humilhação decorrente da derrota para a Alemanha em 1871. Diante da percepção de que o sistema educacional germânico era superior, o governo francês reformulou o ensino de base, valorizando as disciplinas geográficas e históricas.

Ele rejeitava a ideia preconizada por Friedrich Ratzel que caracterizou a escola alemã de Geografia, em que as condições naturais do meio influenciavam e determinavam as atividades humanas e a vida em sociedade. Para Vidal, o homem também transformava o meio onde vivia, de forma que, para as ações humanas, diversas possibilidades eram possíveis, uma vez que elas não obedeceriam a uma relação entre causa e efeito.Graças à sua formação, La Blache trouxe para a Geografia a importância do tempo e da história para os estudos geográficos. Foi considerado, por isso, um dos grandes responsáveis pela difusão da Geografia Humana, apesar de afirmar que a Geografia não deveria estudar o homem, mas o meio em que ele vive.

Também defendia a prática de uma Geografia Regional. Para esse pensador, seria impossível, ao menos naquele momento, alcançar visões totalizantes para a realidade, de forma que os conhecimentos e os conceitos só deveriam ser aplicados em realidades específicas. Por isso, incentivou e participou de muitas monografias regionais, isto é, estudos que se preocupavam apenas com uma determinada região e que se caracterizavam por serem extremamente descritivos.

Outro conceito muito importante em sua obra foi o de gênero de vida. Para La Blache,
as regiões constituíam um meio vivo que proporcionaria o desenvolvimento das sociedades. Com a utilização dos recursos regionais naturais, a vida em sociedade constituiria, então, o que se denominou por gêneros de vida.

A partir desses conceitos e de um método que se caracterizava por ser uma sequência entre observação, comparação e conclusão, Vidal tornou-se um dos maiores nomes da ciência geográfica e contribuiu para alavancar a Geografia Francesa para opor-se e combater a Geografia Alemã e as suas intenções geopolíticas.

De acordo com Ferreira e Simões (1986), a transição para a Geografia crítica foi paradoxalmente liderada por teóricos da Geografia quantitativa, como William Bunge e David Harvey. Esses pesquisadores rejeitaram o rigor instrumental do positivismo ao perceberem que ele mascarava

ou falhava em responder a problemáticas complexas do período, tais como os danos ecológicos, as revoltas civis negras e a desigualdade socioespacial norte-americana.

Os trabalhos de Yi-Fu Tuan partem da mesma crítica à ciência objetiva. A ciência clássica, segundo ele, minimiza o papel da consciência humana para o conhecimento. A fenomenologia, ao contrário, dá a possibilidade de restabelecer o contato entre o mundo e as significações, por possuir a verdadeira medida de subjetividade: segundo suas próprias palavras, "conhecer o mundo é conhecer a si mesmo" (GOMES, 2005, p. 328).

Conforme apontado por Gomes (2005), a fenomenologia em Yi-Fu Tuan surgiu como um contraponto à ciência clássica ao resgatar a subjetividade e defender que a compreensão do mundo exterior caminha junto ao autoconhecimento.

Yves Lacoste (nascido em 1929) é um geógrafo francês renomado, fundamental para a renovação da geopolítica moderna. Na sua obra principal, *A Geografia* – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra (1976), argumenta que a Geografia é um saber estratégico essencial ao poder e não apenas uma descrição escolar. Ele fundou a revista Hérodote e defende uma geografia ativa e crítica.

A Geografia não serve somente para sustentar, na onda de seus conceitos, qualquer tese política, indiscriminadamente. Na verdade, a função ideológica essencial do discurso da Geografia escolar e universitária foi, sobretudo, para a condução da guerra, como ainda para a organização do Estado e prática do poder. (Lacoste, 1988, p. 30) Lacoste redefiniu a Geografia como uma ferramenta indispensável para compreender conflitos contemporâneos e a organização do espaço pelo poder.

O conhecimento geográfico que hoje predomina tem suas origens no século XIX. Em sua florescência e desenvolvimento, concorrem duas grandes filiações, as sociedades de geografia e as universidades. A Geografia que se produz em uma ou outra dessas instituições é diferente, só que aqui e ali se entrecruzam. A que se produz nas sociedades de geografia é um conhecimento de tudo o que se refere a povos e territórios dos diferentes cantos do mundo, reunindo as sociedades viajantes, naturalistas, militares e cientistas de várias procedências acadêmicas. (Moreira, 2007, p. 10)

Essa vertente gestada no interior das sociedades de geografia alimentada por relatórios de viagens, levantamentos cartográficos e relatórios estratégicos funcionava, fundamentalmente, como um inventário do mundo a serviço do colonialismo e do imperialismo. Esse caráter instrumental e de coleta empírica de dados territoriais revela a face menos visível, porém, mais influente, da disciplina.

Milton Almeida dos Santos (1926–2001), com o advento da Geografia Crítica na década de 1970 impulsionada no Brasil e no mundo por suas obras, o espaço passou a ser compreendido não como um cenário inerte, mas como uma estrutura social viva e dialética. Para o geógrafo, a materialidade construída pelo homem e as ações que ocorrem não podem ser analisadas de forma separada. Conforme afirma Santos (1996):

‘O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também

> contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá .” (SANTOS, 1996, p. 51)

A Geografia como disciplina e com enfoque nas primeiras séries buscou a partir desse conteúdo instigar os alunos a compreensão do ensino geográfico. As atividades pedagógicas (aulas) tiveram como tema gerador o Estudo do Pensamento Geográfico e alguns dos seus principais pensadores. As aulas foram desenvolvidas entre os meses de fevereiro a maio do corrente ano letivo.A temática (Pensamento Geográfico) foi abordada em sala de aula através de várias metodologias, entre elas: aulas expositivas e dialogadas, pesquisas bibliográficas, produção de *Fôlder* e realização de exercícios no *Google Drive*.

Também demonstrou-se que a introdução da epistemologia da ciência nos anos iniciais é viável e transformadora. Ao conectar a teoria dos grandes pensadores com práticas dinâmicas a disciplina superou a visão tradicional de mera memorização de fatos e mapas.Os principais alcances dessa intervenção pedagógica, igualmente incluem uma diversificação metodológica, alfabetização científica e a inclusão digital.

PALAVRAS-CHAVE

Pensamento Geográfico1; Ensino 2; Novo Ensino Médio 3 ; Metodologias 4 ; Geografia 5.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)-Campus Guarapuava-PR, pela oportunidade de formação iniciada em 2026 no curso de doutoramento em Geografia.

REFERÊNCIAS

Andrade, M. C. de. (2008). ***Geografia: ciência da sociedade.*** Ed. Universitária da UFPE.

Claval, P. (2015**). *História da geografia***. Edições 70.

Castro, P. C. C. Gomes, & R. L. Corrêa (Orgs.), ***Geografia: Conceitos e temas*** (352p.). Bertrand Brasil.

Ferreira, C. C., & Simões, N. N. (1986). ***A evolução do pensamento geográfico***. Gradiva.

Gomes, P. C. C. (2005). ***Geografia e Modernidade***. Bertrand.

Lacoste, Y. (1988). ***A geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*** (M. C. França, Trad.). Papirus.

Santos, M. (2002*).* **Por uma geografia nova: Da crítica da geografia a uma geografia crítica.** EDUSP.

Moreira, R. (2007). ***O que é geografia.*** Brasiliense.
Sene, J. E. de. (2024***).*** **Do seu jeito: Geografia: Área de ciências humanas e sociais aplicadas** (1ª ed., Vol. Único). Ática.